

José de Mesquita
Do Instituto Histórico e da Academia
Mato-grossense de Letras

Da Epopéia Mato-grossense

Sonetos



Almeida Jr, A partida da monção, Museu Paulista

CUIABÁ
Escolas Profissionais Salesianas
MCMXXX

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

DO AUCTOR:

Poesias	1919
Elogio histórico do Dr. Antônio Corrêa da Costa	1920
O Catholicismo e a Mulher (discurso)	1925
Elogio fúnebre do General Caetano de Albuquerque	1926
Terra do berço (poesias)	1927
A Cavallhada (contos)	1928
Um paladino do Nacionalismo (elogio acadêmico de Couto de Magalhães)	1929
Semeadoras do futuro (discurso paranyfal)	1930
Da Epopéia Mato-grossense (sonetos)	1930

Taboa**A Terra Virgem**

O Preço da Conquista	6
Os Descobridores	7
A Missão de Antunes Maciel	8

A Colônia

O Milagre da Custódia	10
Bom Jesus	11
A Heroína do Carandá	12
O Cruzeiro da Aldeia Velha	13
Os Festas do Ouvidor	14

A Éra das Fundações

Os Plantadores de Cidades	16
Dido Colonial	17
A Rainha do Quariteré	18
O Socorro á Villa Bella	19

Cyclo Imperial

Os Paranistas I	21
Os Paranistas II	22
Velho Santeiro	23
Jacobina	24
Flor da Selva	25

A Guerra

As Mulheres de Coimbra	27
O “Bravo” do Sará	28
Baluarte vivo	29
A Vivandeira do 17	30
A Reconquista	31

O Sul

As “Posses” de Lopes	33
A Rosa de Maracajú	34
Vedeta da Pátria	35

A Éra Nova

Visão do Futuro	37
-----------------	----

A Terra Virgem

O Preço da Conquista

Não conseguiu, entretanto, gozar da fortuna que o seu inaudito esforço alcançara.

Ao regressar de sua estupenda investida a essas remotas regiões, carregado de ouro, foi assassinado pelos índios payaguás, da mesma forma porque o fôra depois seu emulo Ayolas, apoderando-se estes índios dos despojos que elle conduzia do Perú.

(Antonio Corrêa da Costa – Os predecessores dos Pires de Campos e Anhangueras, pg.17)

A Ulysses Cuiabano

Novo Jasão empós do vellocino louro,
vai Aleixo Garcia em busca do Eldorado.
Acena-lhe, ao fulgor de uma miragem de ouro,
da Sierra de La Plata o redente azulado.

Rebrilha-lhe no olhar, sem pecha nem desdouro,
o valor, a ambição, o heroísmo desmarcado
desses a quem seduz um longínquo thesouro
ou um distante amor, vagamente esperado...

Eis que ao voltar, todo coberto de riqueza,
prostra-o do payaguá a flecha, na sortida,
e elle, em seu sonho ardente e cheio de belleza,

prende-se para sempre ao seio idolatrado
da terra que lhe cobra ao preço vil da vida
essa gloria immortal de a haver primeiro amado!

Os Descobridores

...destes o primeiro que subiu o rio
Cuyabá foi Antonio Pires de Campos em
procura do gentio Coxiponé...
No seguinte anno prosseguiu Paschoal
Moreira Cabral o mesmo rumo...
(*Chronicas de Cuiabá*)

A Antonino Ferrari

Vinham de muito longe aquelles sertanistas,
rompendo a selva espessa, a solidão bravia,
valle aberto em marneis, serra ouriçada em cristas,
rios e igarapés, sem descansar um dia.

Vinham de muito alem, a cata de conquistas
de índios e do ouro bom, que nesta terra havia,
e, destemido, o bando heróico de paulistas,
palmo a palmo, o sertão perigoso corria...

Trás dos coxiponés e do ouro e dos diamantes,
depois de muito esforço e lida, foram dar
a Cuyabá, e, ali, os bravos bandeirantes

ergueram o arraial, entre as verdes colinas,
sendo governador o Conde de Assumar,
capitão-general de S. Paulo e das Minas.

A Missão de Antunes Maciel

Por esta escripta aqui copiada do mesmo
original mostra-se ser Antunes Maciel o
enviado com as noticias e mostras de
ouro do novo descobrimento . . . e de
toda a capitania de S. Paulo se abalaram
muitos deixando casa, fazendas,
mulheres e filhos.
(*Chronicas de Cuyabá, anno 1719*)

A Francisco Mendes

Missionário feliz, parte das novas minas,
encarregado pelos chefes da “bandeira”
Maciel, levando, a par das amostras aurinas,
aos de Piratininga a nova alvissareiras.

Todo a terra que – ó ouro! encantas e allucinas –
se agita duma febre e ardor, de tal maneira
que, em pouco, do Tietê riscando as tremulinas,
lá se vão as monções, na intrépida carreira.

Lar pacifico e amigo, onde, a arrulhar em beijos,
se abrem lábios de esposa e filhos ainda insontes,
roças, campus, adeus! adeus, simples desejos,

que a alma do bandeirante ahi vai, por selva e montes,
a povoar do seu sonho os rincões sertanejos
e a abrir para o Brasil tr.ais largos horizontes!

A Colônia

O Milagre da Custodia

Chegada a quaresma, celebrando-se os officios divinos na igreja Matriz, expondo-se o Santissimo Sacramento, em quinta-feira santa, posta a custodia no throno, que era de madeira, armado por fóra da parede da Capela sem tribuna, deu a Custodia volta para a parte da Epistola, ficando com o lado para o povo... o que aconteceu terceira vez á vista de todos... demonstração que fez Deus Nosso Senhor de que não era servido que se despovoasse este sertão como todos determinavão e da perpetuação desta colônia.

(Chronicas de Cuyabá, anno de 1728)

A Nilo Povoas

Sobre o rústico altar, em throno de madeira,
na custodia se occulta a hóstia intemerata.
Dia de Endoenças. Os mineiros, em compacta
multidão, da matriz enchem a nave inteira.

Eis sinão quando, ao olhar da turba estupefacta,
por três vezes se volve a custodia, em maneira
que da hóstia apparece a face verdadeira:
em haste de ouro, alva camélia, flor de prata.

Era ao tempo em que, sobre a miséria, o flagicio,
as minas a assolar, a dôr em tudo punha.
Do êxodo a porta abria o horror do sacrificio...

Ante a forma, porém, com que o Senhor, agora,
a sua dilecção tão claro testemunha,
a vida no sertão exsurge e se reenflóra!

Bom Jesus

Foi esta imagem fabricada na villa de Sorocaba por mãos de uma mulher; trouxe-a consigo um Pedro de Moraes... e não podendo continuar o caminho pelas difficuldades que naquelles tempos havia, arriba e deixa a imagem em um rancho coberto de palha... o que sabendo-se nesta villa, foi mandado buscal-a...

(Chronicas de Cuiabá, anno de 1729)

A Feliciano Galdino

Mãos de mulher, na velha e heróica Sorocaba,
fizeram esta augusta imagem do Senhor.
Trouxe-a não um extranho, um advena, um emboaba,
Mas Pedra de Moraes, paulista sem temor.

Dura a rota, cruel a jornada, em que acaba
o animo do mais rude e audaz desbravador:
– rios nove a vencer, desde Ararituaba,
serras e boqueirões medonhos a transpor !

Mas quando, baldo o esforço, a energia vencida,
param em Camapuan, desalentadamente,
vem a imagem buscar uma turma luzida,

que, entre festas e gáudio, ás minas a conduz
e doando o Bom Jesus á Cuyabá virente,
a linda Cuyabá consagra ao Bom Jesus!

A heroína do carandá

. . . no districto do Carandá lhes sahio
hum grande tumulto de Payagoas . . .
oppondosse unicamente Pimentel na sua
canoa auxiliado de Maria mullata natural
do Alentejo... Morto Pimentel, esgotado
em sangue sustentou ainda a forte
maltrona por espaço de uma hora a
peleja com toda a brutina furia... lhe que
exausta do sangue passou desta a eterna
vida.

(Chronicas do Cuyabá, anno do 1733)

A Fernando Campos

Começava a povoar-se o sertão, lento e lento.
Nas catas, a faiscar, o ouro virgem fulgia.
E abre-se nas monções, que sobem dia a dia,
a tragédia da entrada e o rude povoamento.

Eis que se lhes defronta a indômita energia
do fero payaguá, num rechaço cruento,
oppondo ao invasor a lança e o arco violento,
que da barranca a flecha irosa despedia.

E ahi, no Carandá, enfrentam-se as três raças,
e, na pugna cimmerica, inscreve-se o tremendo
conflicto secular, repleto de desgraças...

E avulta, como á luz da ribalta eschyliana,
essa extranha Mulher que, ao morrer, combatendo,
baptiza com o seu sangue a terra cuyabana!

O Cruzeiro da Aldeia Velha

E o viajante que alli o escuta, cuida ver o Padre Estevão, em maio á tribu que lhe pende dos lábios, levantar ainda o sua cruz de missionário naquellas culminâncias da terra cuiabana, como que abençoando, lado lado, os seus horizontes interminos.

(D. Aquino – Apóstolos Anonymos)

A Frei Ambrosio Dayde

Eil-o á margem da estrada, á orla do campo erguido, toscosco, abrindo-se ali, como si do planalto ao sol, fosse elle um marco entre a região do Olvido, no negro da madeira a imitar o basalto.

Vêl-o é tudo evocar desse tempo esquecido, cuja gloria e louvor em meus versos exalto. Tem por sócco a alta serra e docel estendido é lhe o céu plumbeo ou azul, de saphira ou cobalto.

Abre-se-lhe em redor a flor rústica e pobre do gerbão e, ali junto, a virgem cabeceira do Coxipó-Mirim entre o cangal se encobre.

E a alma do que o erigiu paira no ambiente rudo, canta na água a escachoar, brilha na luz fagueira, de um perfume subtil embalsamando tudo...

As festas do Ouvidor

Estas festas duraram mais de um mez e foram celebradas no aniversário do dr. Diogo Ordonhes, ouvidor do Cuyabá. (Notas de Toledo de Piza ás Chronicas do Cuyabá, Ver. I.H.S.Paulo, 219)

A Ovidio Corrêa

Em casa do ouvidor Diogo de Lara impera grande rumor festivo e álaque ha muitos dias, pois toda a Cuyabá, que o estima e venera, os annos lhe festeja, em meio de alegrias.

Desde a funcção na igreja, imponente e severa, ás forças, entremez, cavalhadas, folias, vibra a alma popular, nessa expansão sincera das horas de prazer, breves e fugidias.

Na sala, á quente luz do bronzeo candieiro, dança-se o passapié fidalgo e maneiroso, emquanto, ao luar, lá fôra, em meio do terreiro,

a “tyranna” desperta a noite docemente, no seu lânguido tom, em seu menear dengoso, mixto de alegre riso e de chorar dolente...

A Era das Fundações

Os plantadores de cidades

Violador de sertões, plantador de
cidades,
Dentro do coração da pátria viverás!
(*Bilac – O caçador de esmeraldas*)

A D. Helvécio, Arcebispo de Marianna

Grande éra que és, na Historia, a base de granito
em que, pujante e audaz, se levanta o presente,
representas o esforço, o trabalho inaudito
desses que, antes de nós, luctaram bravamente.

De Rolim a Luis Pinto e ao Cáceres invicto,
eis surge Villa Bella, a lendária, a ridente
Villa Maria e após, nesse abrolhar bemdicto,
Albuquerque, a gentil, e Coimbra, a resistente;

Vizeu e Casalvasco e Príncipe da Beira
e Miranda, e outros mais, germes de povoados,
de cidades fecunda e bella sementeira...

Capitães-generaes, rijos hoplitas de aço,
numes de nossa terra, erguei-vos, denodados,
para que ainda hoje a ampare o vosso hercúleo braço.

Dido Colonial

Numa portada de antecâmara, uma dama trajada de amplo vestido escarlate, em gestos de quem vehementemente impréca um gordo e roliço Capitão general...

(*João Severiano – Viagem ao redor do Brasil*)

A Alfredo Pacheco

Quem foste, pobre Dido ou misera Moema,
figura senhorial dessas eras douradas,
cujas meigas feições, trahindo a dôr extrema,
anonymo pincel aqui deixou vasadas?

Feliz quem, no crysol divino de um poema,
– filha de Pouso-Alegre – em estrophes lavradas,
tua ignota paixão tomasse como thema,
revivendo o esplendor das épocas passadas!

Da “Sala do docel” te evoco entre a moldura,
no cões do Guaporé, na matriz da Trindade,
avultas, como á luz de antiga illuminura...

Viva te sinto, em teu perfil sombrio e altivo,
sertaneja visão da dôr e da saudade,
symbolo desse amor que, morto, ainda é mais vivo!

A Rainha do Quariteré

Quando foi presa esta negra Amazona parecia Pestesilea furens, mediisque in milibus ardent... E foi tal a paixão que tomou em se ver conduzir para esta villa, que morreu enfurecida. Imitou no animo a grande Cleópatra que quiz a morte, do que entrar no triumpho em Roma...

(*Nogueira Coelho – Memórias do anno 1770*)

A Olegário de Barros

Lá por onde o Galera as águas vai fluindo,
foi de Quariteré o quilombo afamado,
em que a negra Teresa o seu poder infindo
exercera, em cruel e trágico reinado.

No mais ermo da matta ergue o seu throno lindo
a Rainha que traz a seu sceptro curvado
o quilombo, a que vai nova gente affluindo,
na ânsia de livre ser, longe do jugo odiado.

Mas já de Villa Bella a tropa numerosa
na pugna árdua e feroz os leva de vencida
e, presos, se lhes reabre a via-dolorosa...

Não Teresa, porém, que, esmagada e ferida,
prefere a morte ao jugo e mostra, intemerosa,
que é a liberdade só que dá valor á vida.

O socorro a Villa Bella

...porque se vêm ordens sobre ordens do General que manda aos chefes dos corpos Auxiliar e ordenanças que sem perda de tempo e quanto antes fação expedir gente e mais gente para socorrer a fronteira da capital que considera sitiada já dos Espanhoes.

(Chronicas de Cuiabá, anno 1771)

A Leônidas de Mattos

Porque o luso poder não se afraque ou sossobre ante as armas de Espanha, em recontros fataes, eis chama o General do mais rico ao mais pobre, e eil-os, presto, se vão, altivos e leaes.

Á frente, José Paes Falcão das Neves, nobre de linhagem, senhor das lavras de Cocaes, os hussares commanda ... E não tarda redobre o ardor e os pelotões, cresçam cada vez mais.

Já de Paschoal Delgado os rijos fuzileiros em flotilha lá vão, rumo ao palco da lucta, e Antonio Luis, Poupino, c Rebello e Barreiros...

E toda a fina flor do Cuyabá se irmana ao rude trom que, alem, na fronteira se escuta, para a audácia abater da tropa castelhana!

Cyelo Imperial

Os Paranistas

Costumão reunir-se em monções para se prestarem mutuo auxilio, gastão de descida até o –Itaituba que dista do Rio-Preto 270 leguas, cerca de 30 dias, tendo de varar embarcações por terra em diferentes lugares de cachoeira, sendo a mais notável a do Salto Augusto”.

(*Moutinho: Noticia, pág 213*)

À memória do meu tio Herculano de Mesquita Moniz

I

Eil-os que vão, á flor da lenta correnteza,
da leve igarité ao deslizar macio,
pelos ínvios sertões, domínio da surpresa,
de porto em porto, salto em salto, rio em rio.

Do sombrio Rio Preto, em temerária empreza,
demandam Santarém, longos dias a fio,
cortando, ao sol e á chuva, o país da Incerteza,
onde com a féra ultriz se alterna o índio bravio.

Já no Itaituba, ao longe, o Tapajós gigante
canta-lhes ao ouvido, em doce melopéa,
a acenar-lhes o fim da jornada extenuante.

E eil-os vão-se, a rodar, á canção dolorida
das águas, nessa obscura e anonyma epopéa,
tanto mais bella, quanto menos conhecida!

II

Meses longos após, voltam os paranistas.
Tostou-os a intempérie, as febres insidiosas,
salteou-os o pium e as sétas imprevistas
do tapanhuna, entre as barrancas silenciosas.

Tudo venceram e eis já lhes assoma ás vistas,
meiga, a visão do lar – mães e esposas saudosas –
para quem, quaes tropheus de lendárias conquistas,
trazem o guaraná e as castanhas cheirosas.

Ouve-se, ao longe, echoar a buzina estridente,
e o rude e forte trom dos tiros, reboando,
repercute no valle, estridulo e fremente.

E Diamantino accorda ao rumor da chegada,
ao álaire gritar das araras em bando,
que enchem o claro céu da sua revoadada...

Velha Santeiro

...os artistas futuros hão de procurar nos Santeiros e encarnadores anônimos... as primeiras e tocantes manifestações do pensamento artístico brasileiro.
(Affonso Arinos)

A Arnaldo Serra

Paciente, horas a fio entregue ao seu officio,
Mestre Catirité, na modesta arribana,
fóra da agitação do mundano bulicio,
esculpta, na madeira, uma linda Santa Anna.

Não lhe chega ao casebre a torrente do vicio,
que da torpe ambição, do insano amor promana;
mas também desconhece esse áspero flagicio,
em que, de sol a sol, se tortura a alma humana.

No cuidado lavor de um artista medievo,
corta, desbasta, lixa, encéra e aperfeiçôa
a imagem que o seu nome ha de tornar longevo;

pois que, vencendo o tempo e o seu destino obscuro,
vive-lhe inda a memória humilde, terna e bôa,
na obra das suas mãos, que lhe abrirea o futuro.

Jacobina

Jacobina fez sua época: ali faziam-se festas do Espírito Santo, em outros tempos, que rivalisaram com a da Villa (hoje cidade de Cáceres) havendo missa cantada, corrida de cavalhadas, touros, e as quaes concorria grande multidão de povo.”

(Memória escripta por Mariano Ramos, publicada no “Itinerário da Visita pastoral” do P. Bento, 1888.)

Ao Desembargador João Carlos Pereira Leite

Velho e augusto solar de altiva e nobre gente,
como aos de hoje, saudoso e evocativo, falas !
Tal, sob a cinza, o fogo a consumir-se, ardente,
inda a alma do passado erra por tuas salas.

Relumbras, ao clarão de uma idade fulgente,
escombros do que foi, a irradiar luz e galas...
Festas de antanho... o antigo fausto resplendente...
Idyllios dos salões... tragédias das senzalas...

A escravatura... O “engenho”... A “casa dos senhores”...
O velho heroísmo luso em selvagem petrina...
Dias de gloria e pompa... Extinctos esplendores!

Tudo, como num sonho, em teus muros esvoaça,
porque tu és, a um tempo, ó velha Jacobina,
symbolo de uma éra e berço de uma raça!

Flor da Selva

Esquecida e abandonada. (a índia Rosa tendo apenas a curtir a saudade dos dias victoriosos, balbuciando o nome da filha que tanto amava.,sucumbiu nos braços do seu único filho José...
(E. Mendonça – *Datas*, II, 58)

A Tolentino de Almeida

Linda flor dos sertões de minha terra agreste,
mais que as tuas irmans te foi cruel a sorte:
Iracema de luz romântica se veste
e Lindoya encontrou o consolo na morte.

Que estupenda lição, todavia, nos déste
de abnegado heroísmo, a arrostar, rija e forte,
a ingratidão daquelle em quem a fé puseste,
indigno de entender um a alma do teu porte!

Tua raça acha em ti o symbolo sublime.
Sacrifica á paz e ao amor; tua alma ainda erra
entre nós e o passado infamante redime.

E's grande, ainda maior no teu longo supplicio...
Rosa; tua fragrância embalsama esta terra
do aroma da paixão, do olor do sacrificio!

A Guerra

As Mulheres de Coimbra

Dentro de forte estavam, porém,
mulheres brasileiras, esposas e filhas de
officiaes e praças da guarnição.
Emquanto os maridos e paes montavam
guarda nas muralhas, ellas passaram a
noite fabricando cartuchos

*(Gensérico de Vasconcellos: A Guerra
do Paraguay no theatro Matto-Grosso)*

A Antônio Fernandes de Souza

Vigília heróica a vossa, á espera do inimigo,
horas longas no forte, alta noite velando,
como na evocação de rude quadro antigo,
apetrechos de morte e excidio fabricando!

Mãos que a esmola e o perdão sempre trazem comsigo,
eil-as a preparar o embate formidando,
e, ao invés de semear o doce amplexo amigo,
no labor e na prece as vemos, se, alternando...

E enquanto a noite corre e os homens, valoro.sos,
quedam-se na muralha, o olhar no espaço mudo,
ellas – os corações cheios de febre e ansiosos –

mostram-nos, nesse exemplo altisono e eloqüente,
que as mãos que para o amor são feitas de velludo,
são, diante do dever, de bronze resistente.

O 'Bravo' do Sará

O que foi aquella terrível marcha durante
quatro mezes, por paúes quasi
invadeaveis, em solo sempre encharcado
cortado de fundos corixos na estação
mais rigorosa do anno, debaixo de
contínuos aguaceiros, por logares nunca
transitados, sem guia, vencendo enormes
distancias e rios caudalosos... passa os
limites da descripção.

*(V. de Taunay – A cidade de Matto
Grosso. Pág. 51)*

A Miguel Mello

Vede-o que vai com a dor, a fome e a sede braços,
vencendo morros, chans, corixos, tremedal,
e vendo desdobrar, infindo, ante os seus passos,
por sob um céu de fogo, o frio pantanal...

Dias cruéis de augustia, a arder os membros lassos,
légua e légua a ganhar nessa marcha infernal;
noites longas velando, a ver pelos espaços
os astrus a rolar no seu gyro fatal...

Quem teu êxodo atroz dirá, teus sacrificios
sem termo, por salvar centenares de vidas,
soffrendo, bravamente, os mais rudes supplicios,

– até que a Cuyabá, nessa manhan de gloria,
chegas trazendo, exausto, o corpo em cem feridas,
nas vidas que salvaste os tropheus da victoria?!

Baluarte vivo

Soube-se mais tarde que os Paraguayos tendo noticias de que S. Excia (Leverger) a quem conhecido muito como experiente, se achava á frente do Commando de forças mais ou menos consideráveis, resolverão não subir até a Capital.

(Moutinho – Noticia, 70)

A Dona Regina Prado

Ruge, freme, palpita, entre a cólera e o medo,
o povo, ante a cruel e inaudita ameaça
que o cuyabano céu, lúcido e azul, bem cedo
já parece toldar de bellica fumaça.

É a morte e, mais que a morte, o trágico degredo,
a miséria, a deshonra,.. E, á luz feral e baça
do incêndio – qual sinistro avejão, negro e tredo –
o rauso, o crime, o saque, a pilhagem perpassa.

Eis sinão quando, altivo, ergue o seu vôo nobre,
como o alcyone no mar, o velho marinheiro,
que faz que, em pouco, o povo a coragem recobre,

e oppõe, sereno e audaz, na collina sagrada,
seu nome que – elle só! – faz recuar o estrangeiro,
pois brilha mais que o sol no aço da sua espada!

A Vivandeira do 17

A preta Anna, mulher de um soldado, prevenira os cuidados da administração militar nesta obra caridosa. Collocada durante o combate dentro do quadrado do 17° ella se desvelara com todos os feridos tirando ou rasgando das próprias roupas o que faltava para os curativos e ligaduras.

(Taunay – A retirada da Laguna, XII)

A Luiz Feitosa Rodrigues

Qual de ludro atascal, por vezes, surge, olente,
uma flor, assim tu, mulher humilde e obscura,
que, nas horas do prélio, ias da tropa á frente,
– aparição marcial de olympica bravura!

A tua condição misera e deprimente
resgatou-a a bondade acrysolada e pura
e, através do passado, esplende, á luz fulgente
da tua alma de neve, a tua effigie escura.

Junto ao ferido foste a sédula enfermeira,
dedicada, a pensar-lhe as chagas, com piedade,
entre o negro do fumo e o rubro da sangueira.

E dos teus seios jorra o leite da bondade
que deve, Anna Mammuda, heróica vivandeira,
a alma abeberar da nossa mocidade !

A Reconquista

Ao mesmo tempo, o destemeroso arrojo
do grosso da força... assaltava as
trincheiras, expellindo os paraguaios a
rijos golpes de bravura. Tão vigorosa foi
a investida, que dentro de uma hora
Antonio Maria dominava a praça. . .
(*V. Correa Filho – Matto Grosso, 40*)

A J. Christão Carslens

Dois annos de tristeza e de opprobrio curtira
a infeliz Corumbá, em poder do estrangeiro,
té que, em seu céu azul de límpida saphira,
brilhou da liberdade o sol, ledo e fagueiro.

Formidável peleja a que a força se atira,
por terra e água, no ardor do seu esto guerreiro,
e em que tombam heróes do amor pátrio na pyra,
para rehabilitar o nome brasileiro!

Já de Antonio Maria os bravos legionários
no arrojo da offensiva intrépida e valente
se espalham pela villa, audazes, temerários,

e eis que, do Paraguay sobre as altas barrancas,
tremula o pavilhão da Pátria novamente,
sob o lento revoar das grandes garças brancas. . .

O Sul

As “posses” de Lopes

O systema de Joaquim Lopes fazer “posses” era todo *sui generis*. . . As “posses” eram postas com estacas.
(*O Município de Sant’Anna e o inicio do seu povoamento – Mario Monteiro de Almeida*)

A Rosário Congro

Pelos amplos sertões que o Rio Grande limita,
do pontal do Rio Verde á lendária Sant’Anna,
nesta vasta extensão de campanha infinita
por onde o Sucuriú as águas espadana,

Joaquim Lopes espalha a semente bem dita
das “posses” e onde passa eis se ergue uma choupana
e o fumo dos casaes pelos ares se agita,
e o gado muge, e a roça viça, e o milho grana.

Leva por onde vai a faina do trabalho
e em cada valle, em cada grotta, em cada serra,
se abre, risonho, um lar, um tépido agasalho

Graças ao seu arrojo e ao seu valor primeiro,
– novo Cid sem posse, elle possui a terra –
o Sul desponta aos pés do intrépido possreiro!

A Rosa de Maracajú

Em 1872 – quando os primeiros ventos do verde varriam o sólo atirando ao léo as folhas secas das arvores – da pequena cidade mineira de Monte-Alegre partiam rumando os sertões do Sul de Matto Grosso, chiando, os primeiros carros de bois que compunham a comitiva do velho Zé Antonio Pereira.

(*S. Antônio de Campo Grande – memória publicada por V. Almeida no Jornal do Commercio dessa cidade, em Junho de 1927*)

A João Evangelista Vieira de Almeida

Chiam carros de bois pela campanha afóra...
Vêm de longe, através de morros e campinas,
seja lugente noite ou refulgida aurora,
desde os montes azues e distantes de Minas...

O velho Zé Antonio, em cuja frente mora
a fê, junto á energia, em centelhas divinas,
traz um voto a cumprir, o de erguer, sem demora,
um templo de oração, nas chapadas sulinas.

Eis surge, em pouco tempo, a flor linda e flammante,
rosa de humus vermelho, a abrir-se, em plena crista
da serra, e já espargindo um aroma irradiante:

– é Campo Grande, a grande, a formosa, a altaneira,
alliando ao labor e ao progresso paulista
o perfume subtil da tradição mineira!

Vedeta da Pátria

Nesse anno (1892) chegava ao lugar onde hoje se ergue a cidade de Ponta Poran, o capitão João Antonio da Trindade. . .

Ponta Poran era então um ermo inhospito.

(P. Ângelo da Rosa – *Annaes Pontaporanenses*).

A José Paul Vilá

Nasci quando nasceste. É a tua a minha idade.
Talvez por isso eu sinta afeição verdadeira
por ti, flor do Amambay, bella e altiva cidade,
atalaia do sul e guardian da fronteira.

Extremenha gentil, tua historia, em verdade,
se entretece de lucta e de faina guerreira.
Sopra nos teus heruaes a aura da liberdade,
como o minuano, alem, das coxilhas á beira...

Tua raça caldeou-a, em lances aguerridos,
a alma sentimental e lânguida das “chinas”
e a bravura sem par dos “guascas” atrevidos,

e si não tens ainda um vultoso passado,
é para que mais vivo, em luzes peregrinas,
fulgure o teu futuro esplendido e arrojado!

A Era Nova

Visão do Futuro

E quando o tivermos realizado, com
aquella nossa fortaleza de animo
resoluto e sereno, sobranceiros aos
soffrimentos do corpo, inflexiveis ás
ameaças e ás injustiças dos poderosos
que passam, de que deram prova os
nossos paes, então os nossos filhos...
repetirão cheios de justo orgulho as
palavras do poeta.

(Gal. Rondon – Conferencias)

A Josephi Nunes Ribeiro

A era nova desponta. O auto, célere, corta
Teus campos, onde a messe, esplendida, se espraia.
Silva a locomotiva... E da tapera morta
Como que nova luz radia, ardente e gaia.

O velívolo leve os teus ares recorta.
A orchestra do progresso os seus hymnos ensaia.
Tempo é de ressurgir, nesse teu sonho absorta,
para a gloria sem par que no horizonte raia!

Venha o dia feliz em que, fortes e unidos,
os teus filhos farão, nos labores da leira,
do trabalho no afan, rijos e decididos

surgir desse teu seio apoiado e fecundo,
com que se há de nutrir a humanidade inteira
– Terra da Promissão e celleiro do mundo!